

COVID X POVOS INDÍGENAS

Meu amigo, sente aqui
Vamos logo conversar
Um assunto que me encuca
Eu aqui quero falar
Tu sabias que no mundo
Alguém teve que começar!

Vários estudiosos
Pesquisam há muito tempo
Quem foram os primeiros?
E não chegam num consenso
Sempre tem uma disputa
E até hoje não sabemos

Num consenso chego agora
Disso eu posso aprovar
Os primeiros que vieram
Nativos de um lugar
Deram para nós o suspiro
Nossa origem é de lá

Cuidando da mata e dos bichos
Zelando da natureza
Foram os ancestrais da terra
Donos de muita beleza
Moravam no meio da mata
Na oca uma fortaleza

Sobre essa história ouvi
Quando ia à escola
Que chegou um povo aqui
Levaram a riqueza embora

Querendo o nativo mudar
Com cultura e religião nova

O nativo eu te digo
É um povo lutador
Ligados à natureza
Disso a história não errou
Mas os homens que vieram
Só trouxeram morte e dor

Que história triste
Desse povo originário
Vivia com a natureza
Dando valor ao orvalho
Mas, o que tanto eles queriam
Para fazer do nativo escravo?

Para começo de história
Queriam a riqueza da terra
Faziam do nativo escravo
Para tirar ouro das terras
Homens, velhos e meninos
Tiveram mortes severas

Que acontecimento trágico!
Esses nativos sofreram
Quero saber das indígenas
Que sei que não esqueceram
Deviam ser belas jovens
Que violência conheceram

As indígenas sempre foram
Mulheres muito honradas

Belas de cabelos negros
Longos como enxurradas
Mas, que sofreram com a dor
De serem todas violentadas

É uma pena saber
O que sempre acontece
O indígena ainda sofre
E com violência às mulheres
Mas sei de uma madeira
Que sua venda enriquece

Por todos os continentes
Indígena sempre existiu
Deram origem a um povo
Forte e varonil
Mas, da madeira que falas
Deu nome para este Brasil

Vejo que sabes muito
E mais quero saber
Quem eram os jesuítas?
Que era para obedecer
E conte sobre a língua
Conflitos deviam ter

Os jesuítas vieram
Mandados de Portugal
Para catequizar os indígenas
Tentando encobrir o mal
O intuito era tomar
A terra e todo local

Posso imaginar a bagunça

Na cabeça dos indígenas
Se fez muita confusão
E deviam ser proibidos
De continuar seus costumes
Por não agradar os ministros

A língua do povo era
Uma língua particular
Todos ali se entendiam
Só não quem não era de lá
Por isso, ensinavam a eles
Um linguajar popular

Vemos com essa mistura
Muitos povos e várias línguas
Dessa junção falamos hoje
E o português tem estima
Mas, as línguas dos indígenas
Nas escolas têm disciplina?

Hoje, por todo o mundo
No Brasil principalmente
Tudo se misturou
Somos uma só gente
Mas, defender cada grupo
É um assunto pendente

Esse povo em particular
Do passado ao presente
Não tem direito de terra
E a luta é persistente
Esquecidos e sem direitos
Não os tratam como gente

A quantidade dos povos
Cada dia diminui
Na briga por seus direitos
Muitos a vida dilui
Com violência os grandes
Tomam o que a eles possui

Um dia alguém pensou
Que a extinção era cogitada
Isso se cumpre agora
Morrem por pedirem casa
São atacados nas aldeias
Ou sucumbem por não ter nada

Algumas metas alcançadas
E muita coisa ainda falta
Estavam aqui primeiro
E a crítica maltrata
Ouvem que: “só querem ganhar”
E suas terras são tomadas

As línguas desses povos são
Uma coisa interessante
A fonética estuda
Com um vigor incessante
E algo que apaixona
É conversar com um falante

A língua é tão bela
E dela tivemos empréstimos
Aprendemos com seus vocábulos
Comidas típicas e mistérios
Culinária e cultura
Nos ensinaram no colégio

O branco trouxe consigo
Muita devastação
Para natureza e para os bichos
E para a saúde da população
Doenças que ali não tinham
Passaram a existir então

Indígenas em seu território
Vivem da natureza
O homem vem das cidades
E traz a sua doença
Não tem médico nas aldeias
Que possa dar assistência

As doenças nas aldeias
Com as ervas são curadas
E com a entrada dos brancos
Ficaram de mãos atadas
Por não saber como curar
As novas que foram levadas

Muitas doenças surgiram
E a cura é difícil
Algumas já têm remédio
É grande o sacrifício
Indígenas com imunidade baixa
A enfermidade é de risco

Com o passar dos tempos
E o convívio com os brancos
Muitos deixaram de lado
A cultura de seu recanto
E os dons medicinais

Foram deixados no canto

O branco também trouxe
Para a aldeia epidemia
Mudou o modo de vida
Além da economia
Dos programas protetores
Do indígena e sua família

Para proteger os povos nativos
E seus direitos garantir
Surge então o CIMI
Para seu povo ouvir
Cuidar do povo indígena
É sua meta a cumprir

Os programas demoraram
Mas, que bom que foram criados
Em 1972 uma proteção
Para esse povo abandonado
No ano seguinte em 1973
O estatuto foi assinado

Como colônia independente
Velhos costumes devemos deixar
Os portugueses chamaram “índios”
Originários vamos chamar
Para melhor defender os direitos
E esses povos, enfim, honrar

Oitocentos mil indígenas
Existem hoje no Brasil
Não é um terço dos povos
Que aqui já existiu

Com tantos direitos roubados
Este povo aos poucos sumiu

Com tudo que já perderam
Nada poderá pagar
Ter um dia no calendário
A história não vai mudar
Mas representa a força
Que esse povo tem de lutar

“Dia do índio “é todo dia
Não podemos esquecer
Mas, o dia no calendário
Foi criado para enaltecer
A luta que não acaba
Em suas terras querem viver

Na mesma Constituição
Que protege as diferenças
Fala da demarcação
Que o madeireiro, dispensa
Continuam a derrubada
Cada dia mais intensa

Apenas pelos seus lares
Que eles querem proteger
De toda a devastação
Que põe a terra à mercê
As reservas são abrigos
Para planta e animal crescer

No artigo 231
Diz que o nativo pode
Ser protegido com suas crenças

Para que o costume não se esgote
Civilizado ou não
Isso é ele quem escolhe

Muitos anos de matanças
Pela terra se estenderam
Por causa da intolerância
Muitos indígenas morreram
Por causa de seus costumes
E a cultura em que nasceram

Tomaram suas terras
Suas mulheres e crianças
Pegaram suas florestas
Sua saúde e esperança
Querem saldar sua dívida
Tentando fazer aliança

Projetos são aprovados
Mas, o dinheiro não chega
Nem material para ajudar
Vivem em uma peleja
Promessas feitas de lá
Sobreviver não é certeza

O estudo nas aldeias
Nem sempre é prioridade
A língua que é ensinada
Não vem da maternidade
E tem que sair da aldeia
Para alcançar a Faculdade

Na escola aprendemos

E conhecemos ações
De pessoas da cidade
Que têm boas intenções
Trabalham noite e dia
Para ajudar sem exceções

Pessoas essas que são
Representantes da bondade
Pegam causas e adotam
Com toda a sua vontade
Para mostrar que o “Bem Viver”
Deve ser prioridade

Pensam todo um evento
Trazem pesquisadores
Buscam também os indígenas;
Da terra os benfeitores
Suas vozes são ouvidas
Elas merecem louvores

Mostram o pó da terra
Como estão em sintonia
Como vivem em conjunto
E como andam em harmonia
Mostrando ser possível
Cantar a mesma melodia

Ver esses dois grupos
Pensando em conjunto
Entendemos a importância
De lutarmos todos juntos
Para a população entender
Que é bom para todo mundo

Depois dessa luta toda
Que o indígena tem que enfrentar
A guerra agora é outra
Que se espalha pelo ar
Ceifando a vida de muitos
O contágio chegou lá

O dezenove de abril
Esse ano foi diferente
Não foi comemorado
Por uma causa descente
Para a todos proteger
Temos que ser conscientes

Eles sentem muito medo
E pedem isolamento
Que permaneçam fechadas
As aldeias todo tempo
O novo Corona vírus
Dá ao mundo um tormento

Nas aldeias ele chegou
E já tem infectados
A saúde é precária
E o auxílio é limitado
A verba que vem do governo?
Nenhum centavo aplicado

O dinheiro onde está?
Vamos mandar para o “Fantástico”
O dinheiro que estava aqui
Será que foi embolsado?
As mortes vêm aumentando

Até quando esse maltrato?

O vírus, todos já sabem
É uma calamidade
A cura nunca chegou
Mata com facilidade
Imaginem na aldeia
Sem UPA ou Maternidade

Sem Saneamento na aldeia
Fica ainda mais difícil
Os que vivem apenas na mata
Muitos deles correm riscos
O corpo não está preparado
São frágeis contra o vírus

Mais uma doença do branco
Causando calamidade
Levou morte ao mundo
Sem escolher raça ou idade
Foi até quem estava quieto
Para trazer mortalidade

Esse vírus que se alastra
E proíbe o contato
Não permite nem o enterro
Pela família, presenciado
Só permanece a dor
Da família do enlutado

O dom da vida é
Para todos um direito
Sendo indígena ou não
Deixemos de preconceito

Por uma luta maior
Devemos a todos o respeito

O foco desse cordel
Foi o indígena brasileiro
Originários nas terras
Nelas estavam primeiro
Mas, são muitas as etnias
Estão pelo mundo inteiro

Branco não váo às aldeias
Indígena fique em casa
Vamos vencer o combate
Com as mãos não agarradas
Essa luta é diferente
Ganhamos se separadas

Finalizamos agora
Com apelo no coração
Falamos por meio da rima
Gostando você ou não
O Brasil é um só povo
Somos uma só Nação

Esse é mais um cordel
Que foi feito sob rima
Como parte de um projeto
Que é de nossa estima
Um projeto nomeado
“O cordel roda em Araguaína”